

Collor definirá proposta à dívida

por Celso Pinto
de Tóquio

O Brasil quer negociar a dívida externa, tem uma posição construtiva e definirá uma resposta aos bancos credores tão logo o presidente Fernando Collor retornar ao Brasil. Enfrenta, contudo, limites na sua capacidade de pagamento e precisa da compreensão dos credores.

Esta foi a mensagem básica que o presidente procurou transmitir em sua conversa de quarenta minutos, ontem, em Tóquio, com o vice-presidente norte-americano, Dan Quayle. O mesmo tipo de mensagem esteve presente, também, na conversa com o ministro Kabun Muto, do Ministério da Indústria e do Comércio Internacional, o poderoso MITI, ontem à tarde, e nos encontros com o primeiro-ministro japonês, Toshiki Kaifu, e o francês, Michel Rocard, no domingo.

Com Rocard, pelo que apurou este jornal, Collor sublinhou os argumentos com números expressivos. Só neste ano, disse o presidente, o efeito da crise do golfo será uma conta adicional de US\$ 3 bilhões para o Brasil. No próximo ano, se as condições permanecerem idênticas, o custo adicional será de mais US\$ 5 bilhões a US\$ 6 bilhões, mencionou.

Foram encontros genéricos, uma oportunidade de aproveitar a presença de 158 chefes de Estado em Tóquio para a ascensão ao trono do imperador Akihito, para explicar melhor a posição brasileira e tentar encontrar alguma simpatia. As reações foram, genericamente, positivas.

Os japoneses, que têm feito um esforço para apresentar uma face internacional cooperativa nos encontros com os chefes de Estado

Collor definirá proposta à dívida externa

por Celso Pinto
de Tóquio
(Continuação da 1ª página)

que estão em Tóquio — só o primeiro-ministro receberá mais de cinquenta dignitários estrangeiros até quinta-feira, e só conversou catorze minutos com Collor —, fizeram alguns acenos. Kaifu havia mencionado no domingo a possibilidade da participação japonesa na Fase 3 do projeto agrícola do cerrado.

Ontem, Muto falou em criar uma "comissão de alto nível" para tratar da intensificação da relação comercial entre os dois países, segundo o porta-voz da Presidência, Cláudio Humberto Rosa e Silva. Muto lembrou também uma carta que mandou recentemente à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, citando o interesse japonês de restabelecer investimentos no Brasil.

Tudo isso deve ser entendido de forma cautelosa. Os japoneses continuam considerando essencial que haja um acordo entre o Brasil e o FMI para conversar sobre o programa de aplicações envolvidas no chamado "Plano Nakasone", de cerca de US\$ 1,5 bilhão. Esse ponto continua na mesa, confirmou o embaixador do Brasil em Tóquio, Carlos Bueno, e há um longo processo de nego-

ciação à frente. O contato pessoal do presidente, de todo modo, ajuda.

Collor lembrou a Muto, por exemplo, a disposição brasileira de "limpar" o contencioso entre os dois países, que envolve problemas com os sócios japoneses na Usiminas e em Tubarão.

Muto, de seu lado, lembrou a necessidade de acertar os problemas da dívida bilateral entre os dois países.

A referência de Kaifu à disposição japonesa de participar de projetos específicos no Brasil, de todo modo, foi positiva. O Japão já participou das fases 1 e 2 do projeto do cerrado e a terceira fase começou em fevereiro. No "briefing" sobre o encontro de Kaifu com Collor, foi dito que a fase 3 do projeto envolveria 50 bilhões de ienes, pouco menos de US\$ 400 milhões, através da Agência de Crédito Internacional do Japão. No "press-release" que transcreveu o "briefing", os 50 bilhões se transformaram em 15 bilhões de ienes, provavelmente por equívoco de transcrição.

Outro ponto que Collor mencionou a Kaifu foi sua proposta de aumentar de dez para quinze o número de países-membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Hoje o Conselho tem cinco membros

permanentes e cinco rotativos. Collor quer ampliar o leque para acomodar a Alemanha, o Brasil, a Índia, o Japão e um país africano. Kaifu teria reagido bem à ideia.

Quayle ouviu mais do que falou sobre a dívida externa brasileira. O presidente Collor procurou enfatizar as restrições que o País enfrenta. Se os bancos quisessem receber todos os juros atrasados de imediato, disse Collor, o Brasil esgotaria todas suas reservas cambiais. De outro lado, Collor lembrou da incômoda convergência entre democracia e crise econômica na América Latina e da necessidade de os países da região provarem que a democracia pode resolver os problemas econômicos.

Outro tema sensível mencionado por Collor foi o do papel do Brasil no armamento do Iraque. A participação brasileira, apesar da ênfase com que o assunto foi tratado publicamente, não ultrapassa um por cento do total de armamentos do Iraque, a maior parte através de aviões de treinamento "Tucano", disse o presidente a Quayle.

Na conversa com Rocard, Collor fez críticas à posição protecionista da Comunidade Econômica Européia nas discussões da Rodada Uruguai no GATT. Disse que o Brasil fez um

grande esforço para abrir mais sua economia sem pedir contrapartidas de seus parceiros, mas que esperava um comportamento, na mesma direção, de outros países. Rocard, em resposta, disse que, apesar da acusação de protecionismo europeu nas discussões do GATT, ele temia que surgissem maiores dificuldades nos Estados Unidos, não na Comunidade.

Ontem pela manhã, Collor teve um encontro previsto para 25 minutos, mas que acabou ampliado para 40 minutos, com o príncipe Charles — com quem já estivera, na Inglaterra, no início do ano. Eles decidiram organizar um seminário que reuniria vinte pessoas, dez de cada país, durante a visita do príncipe ao Brasil, prevista para abril do próximo ano.

O seminário será feito no iate real Britannia, será iniciado em Belém e seguirá subindo o rio Amazonas. Terá como agenda uma reflexão sobre os problemas do desenvolvimento e o meio ambiente. Seria uma oportunidade para levantar e discutir temas que poderiam ser incluídos na agenda da reunião sobre desenvolvimento e meio ambiente que o Brasil sediará em 1992.

O príncipe Charles é um apaixonado pelos problemas ambientais e um sincero admirador do secretá-

rio de Meio Ambiente, José Lutzenberger. Ele deveria ter ido ao Brasil em outubro último, viagem adiada porque acabou fraturando um braço num acidente, pouco antes da viagem. Ele teria manifestado, segundo o porta-voz da Presidência, sua admiração pelos esforços do governo Collor na área ambiental e teria dito que o Brasil poderá, eventualmente, transformar-se num modelo nesta área.

A agenda de encontros de Collor em Tóquio, como se vê, é extensa em temas mas, necessariamente, genérica. Ontem, o dia da principal cerimônia da entronização do novo imperador japonês, o presidente, assim como os outros 158 chefes de Estado presentes, presenciou o rito ancestral que formaliza o novo reinado e ajudou a dar três gritos de "banzai" ao novo imperador (literalmente, 10 mil anos, uma referência tradicional ao desejo de longa vida ao imperador no Japão). À noite, participou do banquete comemorativo junto com outros dignitários presentes.

Hoje, Collor estará com o deputado Michio Watanabe, presidente da seção japonesa da Liga Parlamentar de Amizade Brasil-Japão, e com o ex-ministro Noboru Takeshita — além de participar de duas outras cerimônias ligadas à ascensão do novo impera-

dor. O encontro em que os membros da comitiva têm colocado maior importância, contudo, acontecerá na quarta-feira, quando Collor irá à poderosa Keidanren, a federação que reúne empresários (e banqueiros) japoneses.

Espera-se que cerca de trinta empresários participem. Como disse Collor numa entrevista ao jornal Nihon Keizai Shimbun, ele deverá enfatizar o interesse brasileiro que montadoras japonesas, como a Toyota e a Mitsubishi, se animem a produzir carros de passeio no Brasil. O governo, disse o presidente brasileiro, estaria disposto a examinar condições fiscais interessantes para atrair os japoneses.

Esta viagem do presidente, contudo, não tem um caráter específico de negociação. Não se devem esperar negócios ou resultados concretos, além de um nível geral de intenções recíprocas.

Um dos principais objetivos, ainda assim, é aproveitar a ocasião para explicar melhor a proposta brasileira para a dívida externa, reafirmar a disposição negociadora brasileira e tentar desarmar espíritos para a complicada rodada que vem à frente. Foi isso que o presidente procurou fazer nos contatos que manteve nestes primeiros dias em Tóquio.